



CLINTON E. ARNOLD

PODERES DAS
trevas

PRINCIPADOS E POTESTADES
NAS CARTAS DE PAULO


VIDA NOVA

Sumário

<i>Lista de reduções gráficas</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
Introdução	15
PARTE 1:	
A crença nos poderes no primeiro século	23
1. Magia e adivinhação.....	25
2. Religiões greco-romanas e orientais.....	47
3. Astrologia.....	69
4. Judaísmo	81
5. O ensino de Jesus.....	111
PARTE 2:	
O ensino de Paulo sobre os poderes	129
6. O que são os poderes?	131
7. A derrota dos poderes na cruz	149
8. Um novo reino e uma nova identidade para os crentes.....	165
9. A influência dos poderes sobre os crentes	183
10. Cristo e nenhum outro.....	207
11. Guerra espiritual.....	221
12. A vitória final de Cristo sobre os poderes	239
PARTE 3:	
A interpretação dos poderes para hoje	247
13. Realidade ou mito?.....	249

14. Os poderes e os indivíduos	273
15. Os poderes e a sociedade	289
Conclusão: A luta contra os poderes	315
<i>Bibliografia selecionada</i>	327
<i>Índice remissivo</i>	331
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	339

Lista de reduções gráficas

- BAGD W. Bauer, W. F. Arndt, F. W. Gingrich. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*, 2. ed. rev., edição de Frederick Danker (Chicago: University of Chicago Press, 1979).
- OTP *The Old Testament Pseudepigrapha*, edição de James H. Charlesworth (New York: Doubleday, 1983, 1985), 2 vols.
- PMG [Papiros Mágicos Gregos], *Papyri Graecae Magicae: Die Griechischen Zauberpapyri*, edição de Karl Preisendanz, 2. ed. rev. por A. Heinrichs (Stuttgart: Teubner, 1973-1974), 2 vols. Tradução para o inglês disponível agora em *The Greek Magical Papyri in translation*, edição de Hans Dieter Betz (Chicago: University of Chicago Press, 1986).
- P. Oxy. The Oxyrhynchus Papyri.*

Todas as citações de documentos pseudepigráficos do Antigo Testamento sem indicação foram extraídas de James H. Charlesworth, ed., *The Old Testament Pseudepigrapha* (New York: Doubleday, 1983, 1985), 2 vols.

Todas as citações dos Manuscritos do Mar Morto foram extraídas de Geza Vermes, *The Dead Sea Scrolls in English*, 2. ed. (New York: Viking Penguin, 1975).

Todas as citações dos Papiros Mágicos Gregos (PMG) sem indicação foram extraídas de Hans Dieter Betz, ed., *The Greek Magical Papyri in translation* (Chicago: University of Chicago Press, 1986).

Prefácio

Não gosto de pensar no mal. Ele me entristece e me assusta. Preferia ignorá-lo e falar de algo agradável. Creio que muitos cristãos pensam da mesma forma, especialmente quando se trata de falar da ideia de espíritos malignos e de Satanás. A revista *Christianity Today* dedicou sua edição de 20 de agosto de 1990 a esse tema (contribuí com um dos artigos). O editor encarregou o artista Michael Annino de criar uma imagem apropriada do Diabo para a capa, uma imagem que removesse seu disfarce de “anjo de luz”. Annino fez um bom trabalho; talvez bom demais. Muitos leitores escreveram cartas para o editor com queixas veementes sobre a figura horrível. O editor da revista estava certo quando observou que “esse não é um assunto atraente”!

No fim das contas, não podemos ignorar esse tema. O mal se impõe sobre nós e sobre aqueles que amamos. E, se desejamos receber auxílio da Bíblia para lidar com o problema do mal, precisamos estar dispostos a levar a sério o que a Bíblia leva a sério: o envolvimento intenso na vida de uma figura chamada Satanás e de seus poderes das trevas. Por tempo demais, a igreja ocidental não deu atenção séria nem suficiente a esse tema. Ouço isso repetidamente de meus alunos asiáticos e africanos. Eles reconhecem uma grande dívida para com a igreja ocidental pelo rico ensino bíblico que lhes foi transmitido, mas não entendem por que tão pouco foi oferecido sobre esse assunto. Para eles, o desenvolvimento de uma perspectiva cristã apropriada sobre espíritos é uma preocupação fundamental.

A Bíblia tem muito a dizer sobre esse assunto, especialmente nas cartas do apóstolo Paulo. Este livro foi escrito para aqueles que desejam percorrer a extensão do ensino de Paulo sobre a esfera invisível do mal. Paulo tem mais a dizer sobre esse tema do que muitos se dão conta. Em anos recentes, apesar da enxurrada de livros populares sobre “guerra espiritual”, pouca coisa foi escrita de uma perspectiva bíblico-teológica. Minha esperança é que a presente obra seja um ponto de partida útil.

O crédito inicial pela publicação deste livro é devido a Andy Le Peau, diretor editorial da InterVarsity Press, por me convencer de que eu deveria trabalhar neste projeto agora, e não depois. Também desejo expressar minha profunda gratidão ao Dr. W. Bingham Hunter, diretor da Talbot School of Theology, que me incentivou a realizar este trabalho e fez tudo o que estava ao seu alcance para me apoiar ao longo do caminho.

Em meados de 1990, compartilhei parte deste material com alguns grupos de cristãos romenos na Transilvânia. Embora eles tenham expressado muita gratidão por aquilo que aprenderam, senti que eu fui o maior beneficiado. Eles foram de grande ajuda para esclarecer minhas ideias na terceira parte, especialmente na discussão sobre “Os poderes e a sociedade”.

Devo a muitas outras pessoas reconhecimento público de minha gratidão por suas contribuições para este projeto. Acima de tudo, desejo agradecer a minha esposa, Barbara, não apenas por suas sugestões proveitosas para aprimorar o manuscrito, mas também por sua parceria fiel no trabalho do ministério. Dr. Michael J. Wilkins me ofereceu incentivo constante ao longo do processo. Durante o verão de 1989, como diretor de meu departamento, ele me ajudou a criar espaço na agenda para que eu pudesse continuar a trabalhar no manuscrito. A Comissão de Pesquisa da Biola University também apoiou o projeto por meio de uma bolsa. Tim Peck, meu professor assistente, fez uma

leitura criteriosa de parte extensa do manuscrito que resultou em vários melhoramentos. Resta-me agradecer ao Dr. Joel Green, editor do periódico *Catalyst*, por me dar permissão para usar longos trechos de meu artigo “‘Principalities and powers’ in recent interpretation” [“Principados e poderes” na interpretação recente].

Outras três pessoas foram de grande importância para este projeto: Dr. Robert Saucy, pelas muitas discussões produtivas sobre esse assunto e questões referentes ao reino de Deus; Dr. Robert Yarbrough (Wheaton College), que lecionou junto comigo na Romênia, por ler o manuscrito e oferecer interação crítica e incentivo; e Dr. I. Howard Marshall (University of Aberdeen), por sugerir que eu escrevesse em nível popular um estudo sobre esse tema.

Introdução

Em 1992, Salem, Massachusetts, recordou o tricentésimo aniversário dos infames julgamentos de bruxas na cidade. Mais de quatrocentas pessoas foram acusadas de bruxaria na Inquisição. Dessas, 150 foram presas, quatorze mulheres e cinco homens foram enforcados e um suposto bruxo foi esmagado debaixo de várias toneladas de pedras.

Hoje, quando turistas visitam a igreja de pedra construída em 1845 e transformada no Museu das Bruxas de Salem, o narrador do museu os recebe com as seguintes palavras: “Bem-vindos ao Museu das Bruxas. Vocês acreditam em bruxas? Milhões de nossos antepassados acreditavam”.

Hoje em dia, muitos consideram absurdo que nossos ancestrais cressem nessas ideias. Como era possível alguém acreditar que “bruxas” tivessem verdadeiros poderes sobrenaturais, que feitiços lançados sobre outros funcionassem e que espíritos malignos causassem terror de toda espécie na vida das pessoas? Em sua maior parte, essas crenças se tornaram obsoletas com o início da era científica e com a expansão de oportunidades de educação para todos.

Agora, três séculos depois dos julgamentos das bruxas, não paira no horizonte nenhuma ameaça de uma inquisição semelhante, e espero que isso nunca ocorra. No entanto, há um crescimento acentuado no interesse por feitiçaria e ocultismo em todo o Ocidente. Observe, por exemplo, o seguinte anúncio publicado em um tabloide recente:

Faço trabalho de magia. Lanço feitiço para fazer uma pessoa amar outra, para uma pessoa mudar de ideia sobre um

relacionamento ou para unir duas pessoas. Posso realizar esses trabalhos porque tenho os poderes combinados de minha mãe, que era feiticeira, e de meu pai, um dos mais poderosos bruxos, que transmitiu seus segredos para mim pouco antes de ir para outro mundo. Meus poderes mágicos vão além de sua imaginação. Posso lançar feitiços em seu favor para relacionamentos, situação financeira, acontecimentos futuros ou qualquer outra coisa que seja importante para você. Tenho o poder e uso o poder.¹

Esse texto é típico de vários anúncios ocultistas que aparecem com frequência em tabloides em todos os Estados Unidos.

O interesse crescente em ocultismo não é uma moda local, mas uma tendência da sociedade ocidental. A fascinação cada vez maior pelas coisas ocultas na década de 1960 se transformou naquilo que Mircea Eliade, conhecido estudioso de história das religiões, chamou “explosão de ocultismo” na década de 1970.² Ele observa: “Como historiador das religiões, é impossível não me impressionar com a popularidade espantosa da bruxaria na cultura ocidental moderna e em suas subculturas [...] O interesse contemporâneo em bruxaria é apenas parte de uma tendência maior, a saber, a moda de ocultismo e esoterismo que vai desde astrologia e movimentos pseudoespiritualistas até hermetismo, alquimia, zen, ioga, tantrismo e outras gnoses e técnicas orientais”.³ Em seguida, veio o movimento da Nova Era, sem dúvida,

¹Esse anúncio foi publicado no *National Examiner* (8 dez. 1987).

²Mircea Eliade, em uma monografia apresentada no 21º Freud Memorial Lecture, evento realizado na Filadélfia em 24 de maio de 1974, e publicada sob o título “The occult in the modern world”, in: *Occultism, witchcraft, and cultural fashions: essays in comparative religions* (Chicago: University of Chicago Press, 1976), p. 58-63 [publicado em português por Interlivro sob o título *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais: ensaios em religiões comparadas*].

³Eliade, “Some observations on European witchcraft”, in: *Occultism, witchcraft, and cultural fashions*, p. 69.

uma “explosão” em si mesma durante a década de 1980 e que prosseguiu com vigor na década de 1990.⁴ Esse movimento recebeu forte ímpeto da divulgação feita por várias celebridades da indústria do entretenimento que popularizaram seus ensinamentos. O vocabulário religioso do Ocidente se expandiu com uma rajada de neologismos como “canalização” (entrar em contato com uma entidade espiritual), “espírito guia” (entidade espiritual que fornece informações), “consciência cósmica” (percepção de que o Universo todo é “único”) e “voo astral” (viagem da alma em um período de meditação ou durante a noite).

É difícil dimensionar esse “movimento” crescente, uma vez que ele é organizado de modo informal. Sua popularidade atual pode ser vista mais claramente quando examinamos as prateleiras de qualquer livraria. Dá-se espaço cada vez maior a, literalmente, milhares de livros sobre Nova Era. Empresas e corporações organizam cada vez mais eventos sobre “potencial humano” com base em princípios da Nova Era.⁵ O conceito da Nova Era de canalização tem se tornado cada vez mais difundido, especialmente no sul da Califórnia. Uma enquete realizada pelo jornal *Los Angeles Times* mostrou que as mulheres, na região oeste de Los Angeles, consultam mais canalizadores do que psicólogos ou conselheiros.⁶ Em uma matéria de capa recente com o título “New Age Harmonies” [Harmonias da Nova Era], a revista

⁴Para avaliações proveitosas do movimento de uma perspectiva evangélica, veja Douglas R. Groothuis, *Unmasking the New Age* (Downers Grove: InterVarsity, 1986), e seu segundo volume *Confronting the New Age* (Downers Grove: InterVarsity, 1988). Veja também Russell Chandler, *Understanding the New Age* (Dallas: Word, 1988) [publicado em português por Bompastor sob o título *Compreendendo a Nova Era*] e Elliot Miller, *A crash course on the New Age movement* (Grand Rapids: Baker, 1989).

⁵Veja Groothuis, *Confronting*, “New Age Business”, cap. 8.

⁶Cathleen Decker, “The L.A. Woman”, *Los Angeles Times Magazine* (21 fev. 1988), p. 13.